

Milhares no funeral de Álvaro Cunhal

Até sempre, camarada!



Não foi um funeral como os outros aquele que trouxe às ruas de Lisboa, no dia 15 de Junho de 2005, uma multidão oriunda de todo o País. Dirigentes e militantes comunistas, simpatizantes do Partido, democratas, trabalhadores e jovens fizeram da cerimónia fúnebre de Álvaro Cunhal a maior homenagem alguma vez prestada em Portugal.

Mais do que chorar uma morte – e houve lágrimas, tantas – a homenagem a Álvaro Cunhal foi sobretudo um hino a uma vida de revolucionário, feita de verticalidade, coragem e dignidade. Uma vida de luta que teve como referência constante e principal a defesa dos interesses dos trabalhadores e do povo – precisamente esses que encheram as ruas de Lisboa e a tingiram de vermelho.

Tratou-se de uma sentida e expressiva prova de admiração prestada a um homem, a um camarada, que deixa uma marca decisiva no processo de construção, defesa e reforço do Partido – do qual foi o principal obreiro – e na luta por um Portugal livre e democrático, a caminho do socialismo e do comunismo.

Lamentando profundamente esta perda irreparável, os muitos milhares de pessoas que ali estiveram choraram – mas sobretudo ergueram o punho com determinação para continuar o combate a que Álvaro Cunhal dedicou toda a sua vida.



Um Partido vivo e activo

Nestes primeiros anos do século XXI, o PCP continua a ser um partido vivo e activo, uma força decisiva na oposição ao agravamento da exploração e das desigualdades, à destruição dos serviços públicos e do próprio Estado democrático. Contando com uma forte organização e com militantes dedicados, o Partido Comunista Português dinamiza a luta e a resistência nas empresas e locais de trabalho e nas cidades, vilas e aldeias do País.

Nos anos que se seguiram ao seu XVII Congresso, realizado em 2004, e fruto das decisões aí assumidas, o PCP reforçou a sua organização e alargou a sua influência, com milhares de novos militantes, mais células nas empresas, mais jovens com tarefas de direcção.

Foi este Partido maior, mais forte e mais ligado aos trabalhadores e ao povo que promoveu e realizou, a 1 de Março de 2008, a grandiosa Marcha Liberdade e Democracia que trouxe a Lisboa mais de 50 mil pessoas determinadas em defender as conquistas de Abril. À passagem pelo Tribunal Constitucional, milhares de cartões do PCP ergueram-se orgulhosos numa demonstração de repúdio pela Lei dos Partidos e de determinação em decidirem por eles mesmos dos destinos do seu Partido.

Na luta que se trava contra a política de direita, em pequenas e grandes acções, estão sempre na primeira linha os militantes comunistas mobilizando e organizando. Na grande Greve Geral de 24 de Novembro de 2010, o Partido teve uma importância fundamental, não se limitando a prestar solidariedade mas estando lá, na preparação, na mobilização, nos plenários e nos piquetes. Na Greve Geral participaram mais de três milhões de trabalhadores, com uma grande adesão das novas gerações e dos trabalhadores com vínculo precário. Como afirmou o Secretário-geral do PCP ao início da noite desse dia histórico: «nada ficará como dantes!»